
O DEBATE SOBRE DEUS: RAZÃO, FÉ E REVOLUÇÃO

Terry Eagleton

Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, 1 vol. br., 167 p.
ISBN 978-85-209-2553-9

Este livro contém uma série de conferências sobre o tema “religião à luz da ciência e da filosofia”, proferidas pelo professor e filósofo britânico Terry Eagleton na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Partindo da questão de Deus, o autor aborda inúmeras outras questões em uma reflexão pouco metódica, mas de intensa vibração e vitalidade.

Nascido em uma família católica, Eagleton afastou-se da Igreja, o que não o impede de reconhecer os valores do cristianismo e de alguns teólogos cristãos, particularmente Tomás de Aquino. Por outro lado, faz duras críticas a Richard Dawkins, autor de *Deus, um delírio* (Companhia das Letras, 2007), a Christopher Hitchens, autor de *Deus não é grande* (Ediouro, 2007) ao ateísmo de ambos com seus ranços de ignorância e preconceito. Na abordagem de graves questões teológicas, filosóficas e políticas, mistura tiradas divertidas, recordações pessoais, observações mordazes, profundas intuições, seriedade e humor. Suas críticas

dirigem-se não apenas a Dawkins e Hitchens, mas também a outros intelectuais, à religião, ao cristianismo, ao Ocidente, - em particular aos Estados Unidos e ao mundo anglo-saxão – ao imperialismo, à violência e à hipocrisia ocidentais, a certos aspectos da modernidade.

Duas observações do prefácio indicam a tônica do que virá em seguida:

A religião tem provocado terrível sofrimento à humanidade. Em geral, ela tem sido uma péssima demonstração de preconceito, superstição, ilusão fantasiosa e ideologia opressiva. Mas também é fato que a maioria de seus críticos é rápida demais em rejeitá-la. Pelo menos no que tange ao Novo Testamento, o que eles costumam aniquilar é uma caricatura barata da realidade, baseados em um grau de ignorância e preconceito condizente com o da própria religião (p. 11). E logo adiante: Mas as Escrituras judaicas e cristãs têm muito a dizer sobre algumas questões vitais – morte, sofrimento, amor, autodespojamento e congêneres – a respeito das quais a esquerda, boa parte do tempo, tem se mantido em silêncio (p. 12).

O primeiro capítulo começa recordando dois freqüentes equívocos: pensar Deus como uma criatura grande e poderosa, o que não passa de uma noção idólatra, e julgar que o cristianismo propõe uma visão do universo em rivalidade com a ciência. Deles se originam inúmeros outros tangentes a Deus e à criação. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, Deus criador não é uma hipótese sobre a origem do mundo, nem o cristianismo pretende explicar o que quer que seja à maneira de uma pseudociência carente de provas. Aliás, o que é mesmo uma prova? O que de fato pode ser provado? As questões mais interessantes e vitais não se encaixam no dilema provar ou não provar. Existem questões abordáveis mediante um discurso distinto do falar poético, das deduções matemáticas, das teorias científicas e, no entanto, convincente em plano racional.

Na ação criadora, Deus não age como um engenheiro celestial, um megafabricante e sim, no amor e na liberdade, é o fundamento de possibilidade para a existência do ser e de cada ente. A criação, por sua vez, não indica o deslanchar de um processo. Ela é o ato gratuito original. “Tudo é graça”, segundo a profunda intuição de Teresa de Lisieux, porque Deus é *a* graça, existindo sem qualquer finalidade utilitária. Aliás, Deus não

existe. Ele é a Existência. Dessa *divina inutilidade* participam a criação e o ser humano, criado à imagem e semelhança do Criador. Deus “é uma espécie de crítica perpétua à razão instrumental” (p. 20).

Em relação à criação no Novo Testamento, Eagleton faz uma afirmação a ser corrigida: “O Novo Testamento nada tem a dizer sobre Deus como criador” (p. 18). Deve-se afirmar exatamente o contrário: ao confessar a mediação do Cristo, o Novo Testamento dá o arremate final à doutrina cristã da criação (1Cor 8,6; Hb 1,2-3; Cl 1,15-20; Jo 1,1-18). Ao proclamar Jesus Cristo mediador da criação, a fé cristã faz uma afirmação paradoxal e prenhe de conseqüências: o ingresso na criação, sob a condição de criatura, da Palavra criadora de Deus, Palavra que de certo modo contém em si todas as palavras ditas por Deus no cosmo e na história. A encarnação da Palavra criadora radicaliza ao extremo a gratuidade da criação.

Vale a pena ressaltar ainda a referência ao Espírito Santo. Ciência e religião vêem no mundo um ato de imaginação criativa. Para os crentes, o Espírito Santo é a fonte desse ato que confere ao mundo coerência, ordem e acaba possibilitando a ciência. A discussão entre ciência e teologia gira, portanto, não em torno do surgimento do universo ou da melhor

mancira de explicá-lo, e sim a respeito de quanto é possível voltar no *passado*. A ciência tenta chegar ao existente primeiro. Seu tempo é cronológico. A teologia (e a metafísica) se volta para o que possibilita a existência de todo existente e do próprio tempo, *milieu* onde a existência acontece.

A questão de Deus e da criação abre um vasto leque de questões. Destaco algumas: o paradoxo de uma dependência fundamental que, no entanto, garante a autonomia do mundo e a liberdade do homem; tal dependência, longe de reprimir, permite a cada ente ser o que é; o Deus revelado na Bíblia como um anti-Deus em sua rejeição de certas formas de culto e no caminho de salvação que propõe; Jesus, o desfazimento da imagem de um Deus satânico, superegoico e a revelação da verdadeira face de Deus; Jesus, “animal impotente e vulnerável” em sua existência, paixão e morte como única imagem de Deus; o caminho proposto por Jesus e as implicações nele contidas; a fé, assentimento amoroso à presença de Deus aconteça o que acontecer; o caráter materialista, prosaico, sem *glamour* do cristianismo.

O segundo capítulo afirma o realismo da fé cristã em sua mescla de lucidez e audácia. Lucidez ao ver que a maldade humana possui causas históricas que não explicam tudo. Exis-

tem defeitos e contradições inerentes à natureza do homem. “Não existiu até hoje qualquer cultura humana em que a virtude tenha sido predominante” (p. 52). Ousadia ao confiar na transformação da natureza humana em um poder redentor. Existe, pois, uma possibilidade de salvação e mais ainda: a salvação já aconteceu. Esta ousada afirmação abre um horizonte para a história muito além do racionalismo liberal e da mais revolucionária esquerda. Ela é uma das intuições da teologia da libertação. Daí a afirmação: “Toda teologia autêntica é da libertação” (p. 39).

Eagleton concorda com as críticas de intelectuais seculares à religião, ao mesmo tempo em que denuncia a ignorância deles frente ao cristianismo e à teologia, ignorância que às vezes beira ao ridículo. “No entanto, sem dúvida, o cristianismo em si é o principal responsável pela falta de cuidado intelectual de seus críticos. Fora o caso emblemático do stalinismo, é difícil pensar em um movimento histórico que mais tenha traído suas origens revolucionárias. O cristianismo há muito migrou do lado dos pobres e despossuídos para o dos ricos e agressivos” (p. 57). Há muita veracidade neste juízo, não obstante sua unilateralidade.

Contudo a história do cristianismo não se reduz a essa traição.

Basta recordar todos aqueles fiéis que, desprovidos de refinamento teológico ou de qualquer poder nas estruturas eclesíásticas, unem o radicalismo do evangelho com uma prosaica vivência cotidiana numa fidelidade muitas vezes heróica à proposta de Jesus. Esta é a história profunda da Igreja. Tal como na parábola do joio e do trigo, a mistura de fé bíblica com fé ideológica é uma constante. A perfeita separação entre as duas só acontecerá na parusia, embora se possa detectar desde agora onde pesa mais uma ou outra.

Iluminismo, modernidade, razão e progresso também entram na reflexão de Eagleton. Até mesmo em sua crítica à religião, o iluminismo foi moldado por valores da tradição cristã. Se hoje ele se vê ameaçado, deve-se ao fato de ter-se deixado seqüestrar pelo sistema dominante no Ocidente. Quanto à modernidade, nela existem aspectos positivos e aspectos negativos. Essa ambivalência se mostra, por exemplo, na evolução da racionalidade moderna com seus ganhos valiosos e perdas lamentáveis. Segue uma crítica ao idealismo cartesiano junto com o reconhecimento de que Tomás de Aquino, Adorno, Heidegger e Wittgenstein põem de modo muito mais verdadeiro a ligação entre o ser humano, o mundo e o conhecimento. “O conhecimento é simplesmente um

momento ou aspecto da nossa vivência corpórea na realidade, momento que a modernidade falsamente abstrai e venera” (p. 77).

A crença no progresso é razoável, desde que distinta da ideologia do progresso e de seus engodos, dentre eles a ideia de um progresso linear e uma confiança ingênua na soberania da razão. Por sua vez, a religião junto com as necessidades e anseios que manifesta não pode ser reduzida a superstição e irracionalidade. Ela precisa ser decifrada, levando-se em conta que apenas a discussão racional não explica o fenômeno religioso. Voltando-se diretamente para o cristianismo, Eagleton fala da escatologia cristã e do reino de Deus. O estudioso da teologia ganhará em conhecer o que ele diz.

Fé e razão é o tema do terceiro capítulo. Trata-se de uma questão não apenas teológica. “Sem a razão perecemos, mas a razão não vai até o fundo do poço” (p. 103). É limitado o alcance de sua luz máxima no trato de certas questões. Ela precisa de energias e recursos mais profundos para realizar-se como razão. Toda justificação desemboca nalgum tipo de fé. A fé religiosa, por sua vez, não significa afiançar a existência de um Ser supremo, mas abrir-se a um compromisso inclutável e que não tem nada a ver com determinismo,

por isso é mais performativa do que proposicional. Antes de ser uma decisão, a fé é uma graça, uma certeza e não uma dedução inteligente, uma especulação.

Eagleton vai muito além em sua fala sobre a fé e a razão. Limitei-me a alguns elementos de mistura com diversas outras questões, dentre elas a relação entre conhecimento e crença; a certeza e suas diversas formas; o amor, condição da verdade; a ciência e seus dogmas; os conflitos e tensões em torno da natureza da racionalidade; a razão e a condição humana em sua materialidade e animalidade; religião, ciência e cultura.

É engraçado sendo profundamente verdadeiro o que escreve a respeito das demonstrações da existência de Deus:

A intenção não é demonstrar a existência de Deus como talvez se pudesse demonstrar a presença de um planeta não anteriormente detectado, mas mostrar aos crentes como sua fé pode fazer sentido em termos do mundo natural (p.112).

Para a fé cristã, a expressão “Creio em Deus” não designa uma certeza teórica, e sim uma certeza existencial do tipo “Confio em você”, uma relação interpessoal de confiança incondicional da qual Abraão é o protótipo.

Nesse horizonte situa-se um conjunto de questões. Relembro al-

gumas: as relações entre conhecimento e crença; conhecimento e fé; fé e certeza; a certeza e as diversas formas de certeza; os eventos ligados à fé como *eventos de verdade*; o amor, condição da verdade; o processo de justificação e seu término nalgum tipo de fé; a ciência e seus dogmas; a necessidade de ir além da razão depois de reconhecê-la em suas capacidades; os conflitos e tensões sobre a natureza da racionalidade; religião, ciência e cultura; anterioridade da fé em relação à escolha, na linha daquilo que no cristianismo se chama *graça*; a fé, profundidade anterior à razão e que, no entanto, abrange a razão e a transcende; fé, razão, conversão.

O capítulo quarto inicia pondo a pergunta: por que a questão de Deus ressurgiu repentinamente quando parecia que se caminhava na direção de uma era pós-teológica, pós-metafísica e pós-histórica? Esta pergunta e outras similares abrem o caminho para a abordagem de uma série de problemas da atualidade: o conflito entre fundamentalismo islâmico e civilização ocidental; as verdadeiras causas desse conflito; a tensão entre o caráter “metafísico” do fundamentalismo islâmico com suas verdades e fundamentos absolutos e a civilização ocidental vivendo agora o solapamento de seus fundamentos metafísicos anteriores e o naufrágio

numa mistura de materialismo pragmático, pragmatismo político, relativismo moral, relativismo cultural, ceticismo filosófico, agnosticismo inerente ao capitalismo avançado; o liberalismo econômico, as devastações e estragos promovidos por ele; a relação cultura, civilização, religião; a teologia, reflexão crítica capaz de contribuir com algumas respostas para os problemas hodiernos.

Eagleton conclui distinguindo humanismo liberal e humanismo trágico. O primeiro defende que o ser humano para ser livre precisa livrar-se do mito e da superstição. Este projeto é válido, mas incompleto. O

segundo o aceita, sabendo, no entanto, que é preciso dar um outro passo: enfrentar o que existe de pior em nós e no mundo. Somente “por meio de um processo de autodespojamento e reforma radical a humanidade pode mostrar seu valor” (p. 153).

O livro de Terry Eagleton foi elogiado como “melhor do que qualquer obra anterior do gênero” (James Wood). Embora provenha de um britânico falando para norte-americanos, sua leitura se impõe a quem quer que se preocupe com o presente e o futuro do mundo e do ser humano, ainda mais quando essa preocupação emerge da fé em Jesus Cristo.

Antonio Alves de Melo

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália
Professor de Teologia no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI (IFITEPS)
Rua Bolívia, 309 – Metrópole
26215-250 Nova Iguaçu – RJ – Brasil
E-mail: peantomelo@ig.com.br

Recebido e aprovado em 12/11/2011